

Tenha um futuro ativo e mais divertido. Faça um Flexprev Itaú.



FOLHA OLIMPÍADA 2000



EXCELÊNCIA ESPORTIVA *Sem vaga em Sydney, arqueiros nacionais, concentrados no clube Vasco da Gama, adotam o arco nativo, organizam torneios em aldeias e convocam indígenas para competir nas versões olímpicas*



Fácil, fácil, só na maior do mundo.
www.americanline.com.br
0800 99 99 50



Arco-e-flecha volta a 1500

RODRIGO BERTOLOTTO
ENVIADO ESPECIAL A BARRA DO BUGRES (MT)

O arco-e-flecha do Brasil parece parado no tempo. Como há 500 anos, os portugueses flecham de um lado, e os índios, do outro. Mas eles começam a dividir a linha de tiro.



Isso porque a CBTArc, confederação nacional do esporte, assumiu o arco nativo, colocando-o ao lado dos tradicionais arcos composto e recurvo. Resultado: os indígenas já atiram nas modalidades olímpicas, e os brancos se aventuram na versão autóctone.

Apesar de o país não ter classificado nenhum arqueiro para Sydney-2000, existe uma nata nacional, e ela está no Vasco.

Representam o clube da comunidade portuguesa, por exemplo, o único brasileiro a atuar em quatro Olimpíadas, Renato Emílio, e a revelação juvenil, Thiago Louzada, recordista em pontos (1.401).

Solitários, os dois foram os representantes nacionais na Copa das Américas, que aconteceu no fim-de-semana passado, em Medellín (Colômbia). O México saiu vencedor, e o Brasil acabou nas últimas colocações.

Nesses mesmos dias, uma competição reunia nações americanas bem mais antigas. Foi o "1º Torneio de Arco e Frecha Nativo" (sic), como anunciava faixa à beira da rodovia MT-343, em Barra do Bugres (Mato Grosso).

Mais dois quilômetros de estrada poeirenta e uma travessia de balsa pelo rio Paraguai, chega-se à aldeia onde se reuniram competidores das etnias umutina, bororo, terena, xavante, nambiquara, pareci, caiabi e iranxe.

Lá, eles disputaram o primeiro evento esportivo oficial em território indígena.

Na abertura, aconteceu a tradicional dança em círculo dos homens. Em vez de um coro ritmado, a música foi garantida por um amplificador elétrico executando o megahit olímpico "Carruagens de Fogo", de Vangelis.

Com essa trilha sonora, imaginam os Jogos em que estará o primeiro atleta indígena brasileiro. "O índio já entrou nessa com vontade de atirar na Olimpíada", diz o cacique Valdomiro Kalomizoré.



Com ossos de queixada (porco do mato) decorando seu pescoço, o umutina Valdemilson Kezo maneja com desenvoltura o arco industrializado ao lado do xavante Serinho-a Prinhôpa.

"A competição ajuda a manter nossa tradição, mas queremos mais", conclui Kalomizoré.

O esporte, porém, está rompendo outro costume: arco é coisa para homem. Afinal, na divisão do trabalho, eles caçam, e elas plantam e cuidam da casa. Em linguagem local, a umutina Cleusa Soripa explica a invasão feminina: "Nóis assanhemo por frechar".

Os homens culpam a televisão, que mostra mulheres competindo. "Os índios não dão essa liberdade. Sei que é machista, mas cada um na sua função. Agora, se elas querem, não posso proibir", afirma o cacique umutina.

Líder dos índios gaviões, de Rondônia, o cacique Catarino Sepirop é menos flexível. "Mulher tem de ficar longe do arco. Dá azar para o arqueiro. Mulher é vida, flecha é morte", diz. "As índias querem só brincar, imitando as brancas", sentencia.

O curioso é que Sepirop foi o precursor do arco nativo. Já em 1991 ele mostrava sua ideia para Carlos Avalone, um fazendeiro vizinho à sua aldeia que acabou fundando há dois anos a Federação Mato-Grossense de Tiro com Arco, da qual é presidente.

Em julho de 1999, Avalone organizou em Cuiabá um festival de arco-e-flecha selvagem. Tamanho foi o sucesso que, três meses depois, acoplou 20 índios à delegação mato-grossense que ia ao Campeonato Brasileiro, em Belo Horizonte (MG).



No alto, competidores homens e mulheres se preparam para flechar alvo; acima à esq., menino atira em torneio, à dir., índio umutina e xavante treinam com arco composto; no meio, linha de tiro em prova; logo abaixo, atletas conferem pontuação

Depois de superado o problema do uniforme (alguns não se adaptaram ao modelito tênis-moleto), o umutina Alcir Karazomáé bateu os exímios atiradores das tribos Zoró e Gavião.

De tão impressionados, os dirigentes nacionais marcaram o Brasileiro-2000, em novembro, para a Chapada dos Guimarães (Mato Grosso). De quebra, oficializaram o nativo.

Dessa vez serão 60 arqueiros de vários Estados, entre índios e brancos na categoria — Rondônia, Goiás, Amazônia, Rio, São Paulo, Rio Grande do Sul e Espírito Santo já se interessaram.

Os brancos já têm um campeão no nativo. É Diego Carvalho, 14, que bateu vários curumins para ser campeão juvenil mato-grossense. O menino pobre da periferia de Cuiabá pode ser um arquei-

ro por outro atrativo do arco nativo: o baixo custo. Enquanto os arcos olímpicos custam, em média, R\$ 2.000, os modelos indígenas saem, no máximo, por R\$ 120. "A vantagem é que a indústria dele é aqui mesmo", diz Avalone.

No lugar da fibra de carbono e da liga metálica, entram as mais diversas tecnologias da selva — a flecha ianomâmi é a mais leve e veloz, o artefato gavião está entre os mais resistentes e destruidores.

Para o esporte, os índios fabricam flechas mais curtas que as de caça. Em uma hora, o arco é talhado e envernizado como coró (o oleoso verme do babaçu). A corda é feita com fibra de palmeira. Já a flecha demora três horas. A ponta é de madeira dura (coração de preto), e o meio é de taquara. As penas (de urubu, gavião ou arara) são coladas com uma mistura de cera de abelha e breu.

Diferentemente dos arcos olímpicos, não há mira — o que caracteriza o tiro instintivo. "Este é um esporte muito imprevisível. Nos arcos convencionais, a máquina atira melhor que o homem porque ganha quem repete o mesmo movimento", diz Avalone.

Os acessórios dão um toque ainda mais típico: o bracelete (protege o antebraço do impacto da corda) é de pele de cervo, e a aljava (onde guardam as flechas) é uma jaguatirica costurada.

"Somos caçadores que estamos virando esportistas. Não é folclore, é esporte", afirma o dirigente. Mas nem tudo é tão "étnico". No torneio na aldeia, a maioria dos competidores usava camisetas de clube (São Paulo e Palmeiras), de candidatas a prefeito e de bandas de rock (The Doors). Com

a mão no peito, cantaram o Hino Nacional embalados pela versão do padre Marcelo Rossi.

Há uma oca que serve de templo protestante e uma casa para os rituais católicos.

O português foi estabelecido como língua franca na reserva, afinal, lá há sete etnias. Da nação original, os umutinas, só restam 30 indivíduos. Só um deles lembra como era o idioma da tribo: Jula Paré Jucupé ("Falam que estou velho, que tenho mais de 70").

Ele vê com distanciamento a introdução do esporte na aldeia.

"O pessoal pegou costume do branco e largou mão dos nossos. Fica rezando, beijando e dançando forró. Antes, a gente bebia chicha, chamava os espíritos e cantava até o amanhecer."

O índio fica triste ao lembrar o tempo em que o arco-e-flecha era só para caçar. "Eu tinha uma cachorrada boa para acuar queixada. Agora, só resta isso", diz, apontando para cães magros.

Os umutinas foram quase dizimados por doenças, como gripe ou sarampo. Também morreram devido a um costume ímpar: o cumprimento mais corriqueiro era apontar o arco e bater no peito. Quando o saudado era um branco, não dava tempo de fazer a segunda parte do movimento — já era alvejado.

Por outro lado, há ideias dos índios que parecem saídas da cabeça de um marqueteiro. Por exemplo, eles acham os torneios muito parados e por isso querem incluir suas danças e músicas nos intervalos das disputas.

Os indígenas vão ser federados, mas não querem ficar isentos da taxa de inscrição. A forma de pagamento, porém, será em arcos e flechas. O cacique Sepirop até filosofa para explicar a opção: "A flecha para o índio é como o dinheiro para os brancos: quem não sabe mexer não vive".

GLOSSÁRIO

Português	arco	flecha
Xavante	ueiã	ti
Pareci	nuclá	natiacé
Umutina	i-chó	i-buicá
Gavião	bartée	jap